

*Uma*

Q U E S T Ã O

*de*

H O N R A



# LUCIANO SUBIRÁ



## Uma questão de honra

*O valor do dinheiro  
na adoração*



mundocristão

Copyright © 2025 por Luciano Subirá

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Almeida Atualizada* (NAA), da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo as seguintes indicações: *Almeida Revista e Corrigida* (ARC), *Almeida Revista e Atualizada* (ARA) e *Tradução Brasileira* (TB), da Sociedade Bíblica do Brasil; *Nova Versão Internacional* (NVI), da Bíblia, Inc.; e *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation. Grifos nas citações bíblicas são do próprio autor.

*CIP-Brasil. Catalogação na publicação*  
*Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

S934q

Subirá, Luciano

Uma questão de honra : o valor do dinheiro na adoração / Luciano Subirá. -

1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2025.  
208 p.

ISBN 978-65-5988-493-3

1. Dízimos - Doutrina bíblica. 2. Contribuição cristã - Doutrina bíblica. 3. Deus - Adoração e amor. I. Título.

25-99813.0

CDD: 248.6  
CDU: 27-463.2



*Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439*

*Edição*  
Daniel Faria

*Revisão*  
Camila Lima

*Produção*  
Felipe Marques

*Diagramação*  
Gabrielli Casseta

*Colaboração*  
Ana Luiza Ferreira  
Guilherme H. Lorenzetti

*Capa*  
Rafael Brum

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão  
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69  
São Paulo, SP, Brasil  
CEP 04810-020  
Telefone: (11) 2127-4147  
[www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)

Categoria: Espiritualidade

1ª edição: Outubro de 2025

*À Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro,  
e Maria Thereza Camargo Ferter,  
exemplos de adoradoras e ofertantes  
que quero seguir por toda a minha vida*



---

---

# SUMÁRIO

Introdução	9
1. O princípio da honra	11
2. A lei das primícias	27
3. O saco furado	46
4. A questão do dinheiro	57
5. Aprendendo o contentamento	73
6. Expressão de generosidade	82
7. Integridade nas finanças	101
8. Diferentes tipos de contribuição	119
9. Celebrando a redenção	136
10. Entendendo a mordomia	151
11. Algumas leis da contribuição	158
12. Semeadura e colheita	168
13. Dar e receber	184
14. Discernindo o corpo de Cristo	200
Sobre o autor	207



---

---

# INTRODUÇÃO

*Ganhe o máximo que puder, economize o máximo que puder  
e dê o máximo que puder.*

JOHN WESLEY

Este livro trata não apenas de dinheiro ou contribuição ao reino de Deus, mas de honra ao Senhor. Honra que se manifesta por meio de atitudes. Uma atitude que envolve bens materiais, por sua vez, pode ou não expressar honra. Portanto, o que você encontra nestas páginas é a seguinte máxima: a postura de honra *é essencial*; a contribuição *é consequência*.

Creio que, para sermos transformados em qualquer área, primeiramente precisamos de um entendimento bíblico correto. Em seguida, é necessário decidir andar à luz dos princípios que foram compreendidos. Espero que esta abordagem de honra ajude você tanto num aspecto quanto no outro. Minha oração é que sua mente interprete com clareza o que a Bíblia ensina e por que o ensina, ao mesmo tempo que seu coração é despertado e provocado pelo Espírito Santo a ir além do conhecimento teórico para adentrar o terreno da prática da Palavra — no qual Deus opera de fato.

Além do fundamental conceito de honra, a mensagem deste livro visa esclarecer, de forma prática, como o cristão deve se portar e agir nas mais diversas áreas que envolvem, direta ou indiretamente, dinheiro: primícias,

contentamento, a questão das perdas, integridade nas finanças, o significado do dízimo, mordomia, semeadura e ceifa, generosidade, entre outras. Muitos livros preciosos foram escritos tendo em vista a restauração da visão da igreja acerca da área financeira, e cada um deles cumpre um papel. Minha intenção é somar, sem diminuir o valor do que já foi ensinado.

Desde a primeira publicação, em 2004, o conteúdo do livro vem sendo melhorado e aprimorado a cada nova edição. Houve um acréscimo de capítulo e duas alterações de capa, além da mudança de título, que inicialmente era *Honrando ao Senhor com nossos bens*. A edição de 2021 também foi expandida, incluindo muitas citações e transcrições de outras obras. A princípio, minha decisão havia sido de compartilhar verdades que eu, pessoalmente, aprendera ao estudar a Bíblia. Por que resolvi incluir perspectivas de terceiros agora? Decidi inseri-las no intuito de mostrar que o Senhor tem levantado *muitos* com um mesmo propósito: abrir nossos olhos em uma área tão delicada de nosso relacionamento com ele. Além de ver muitas pessoas sendo divinamente inspiradas a abordar o mesmo tema, o que indica sua relevância, há outro fator: como ensinador, não sou nem posso ser autossuficiente. Preciso da luz que Deus concedeu a meus irmãos, para que ela acrescente nuances à minha visão particular e, ainda, amplie minha capacidade de ensinar.

É justo que você encontre aqui não só o que eu aprendi e tenho ensinado, mas o que muitos outros também têm vivido e pregado sobre honrar ao Senhor.

# 1

---

---

## O PRINCÍPIO DA HONRA

*Se uma pessoa adquire a atitude correta  
em relação ao dinheiro, isso ajudará a endireitar  
quase todas as outras áreas de sua vida.*

BILLY GRAHAM

Certa ocasião, ainda no início do meu ministério, recebi um presente de aniversário diferente de tudo que já havia ganhado, o que me tocou profundamente. A pessoa que me presenteou frequentava a igreja que eu pastoreava e, vale destacar, tinha uma renda mensal modesta. Esse irmão havia trabalhado como servente de pedreiro em uma casa que eu havia adquirido e reformado. Ele veio até mim, constrangido, num culto anterior ao meu aniversário, dizendo que não poderia me dar o presente que achava que eu merecia. Tentei tranquilizá-lo dizendo que, assim como eu não conseguia me lembrar do aniversário de tantas pessoas, também não esperava que o fizessem comigo, muito menos que me presentearassem. Mas não adiantou. Ele afirmou que, apesar da dificuldade financeira, por ter aprendido a importância de honrar seus líderes, havia decidido fazer algo especial para mim. E explicou: em vez de comprar, ele mesmo havia produzido meu presente. O que me deu foi a miniatura de um barco à vela, artesanalmente feita com palitos de madeira, cola e barbante.

Não pude deixar de refletir sobre o tempo que ele havia dedicado àquela confecção. Mesmo sem dinheiro, conseguira tornar aquele momento especial. Fiquei comovido, naturalmente. Percebi que tinha em mãos algo que valia muito mais do que qualquer presente comprado em loja. Monetariamente, o valor seria pequeno; emocionalmente, no entanto, representava uma verdadeira fortuna. Mais do que expressar um simples costume de presentear numa data comemorativa, aquele irmão demonstrou honra! Foi assim que me senti: honrado.

Começo com esse exemplo em especial para evitar que alguém interprete de forma equivocada que meu ensino diga respeito apenas a contribuição financeira ou valores monetários. O ponto central é outro: é *uma questão de honra*.

O verbo “honrar” significa “distinguir, fazer diferença”. É isso o que Deus espera de nós. Mais do que entregar dízimos e ofertas, ele espera ser honrado!

*Honre o SENHOR com os seus bens  
e com as primícias de toda a sua renda;  
e os seus celeiros ficarão completamente cheios,  
e os seus lagares transbordarão de vinho.*

Provérbios 3.9-10

Vemos aqui uma promessa de Deus que, como todas as demais, já carrega em si seu “sim” e “amém” (2Co 1.20): Deus supre seu povo. Essa promessa não se restringe aos celeiros e lagares dos hebreus daquela época, de forma literal, mas aplica-se também a nós. Celeiros cheios e lagares transbordantes referem-se à provisão divina na esfera material. É importante ressaltar que, quanto à sua natureza, a provisão é abundante: “completamente cheios”, “transbordarão”. O exemplo divino revela a ideia de possuir recursos antes mesmo de a necessidade surgir. Nessa promessa, encontramos a manifestação do plano e, portanto, da vontade de Deus para o ser humano. Russel N. Champlin, em seu comentário bíblico *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*, pontua:

Se um homem honra ao Senhor cumprindo as leis concernentes aos dízimos, às ofertas, à ajuda aos pobres, coisas requeridas pela lei, então esse homem pode esperar corretamente ter bênçãos materiais e prosperar. É dando que

recebemos. Essa é uma lei espiritual que opera o tempo todo. Os que experimentam esse método descobrem que ele é funcional. “Essa é uma lei espiritual que homens tementes a Deus têm descoberto ser válida em todas as épocas” (Charles Fritsch).<sup>1</sup>

É vontade de Deus suprir as necessidades materiais de seus filhos. Diversas promessas na Bíblia apontam nesse sentido (Sl 23.1; Fp 4.19). Contudo, é importante frisar que não se realizam de forma automática. São promessas condicionais; não se cumprem por si mesmas — dependem de cada um de nós para que se concretizem. Ainda que o texto não traga explicitamente um “se” que indique essa condicionalidade, o imperativo a revela: “Honre o SENHOR”. Se o honramos, ele também nos honrará, como o próprio Senhor afirmou: “honrarei aqueles que me honram” (1Sm 2.30). Se o honramos com nossos bens materiais, a honra virá sobre nós nessa mesma esfera. A promessa “e os seus celeiros ficarão completamente cheios, e os seus lagares transbordarão de vinho” (Pv 3.10) confirma o caráter material da bênção.

Dessa forma, podemos dividir a declaração de Provérbios 3.9-10 em duas partes: *propósito* e *consequência*. A primeira indica o que cabe a nós fazer; a segunda, o que Deus fará. E quando ele agirá? Depois de cumprirmos nossa parte. Muitos pregadores enfatizam a consequência como se fosse o propósito em si. Esse é um equívoco que pode, aliás, impedir o cumprimento da promessa.

Tenho observado, tanto pelo entendimento das Escrituras quanto pela experiência de vida cristã, que separar propósito de consequência não apenas alinha nosso coração aos valores da Palavra de Deus, como também amplia os resultados divinos em nossa vida.

Quando compreendemos o que é expressar honra a Deus no ato de dar, fazendo disso nosso propósito, a consequência torna-se inevitável — a bênção nos alcança. Algumas igrejas elevam a bênção — que é bíblica e expressão do caráter generoso de nosso Pai — a ponto de ela se tornar o verdadeiro motivo por trás da contribuição. Por outro lado, há quem ensine a motivação correta, mas eliminando as bênçãos, que também fazem parte da vontade de

<sup>1</sup>R. N. Champlin, *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 4 (São Paulo: Hagnos, 2018), p. 574.

Deus para nós. Ambos os extremos são equivocados. A recompensa jamais deve ser o que nos move a dar, mas tampouco deve ser ignorada.

Feita a distinção, volto a enfatizar que o texto de Provérbios 3.9-10 revela uma promessa divina de provisão e prosperidade (não necessariamente devendo ser interpretada como “riqueza”), o que, sem dúvida, expressa a vontade de Deus para seus filhos. De modo geral, podemos afirmar que o Senhor deseja que os seus não enfrentem, em estado contínuo, falta de coisa alguma e que, além disso, prosperem de maneira abundante. Contudo, muitos crentes sinceros não experimentam essa realidade. Creio que a explicação é simples: ainda não alcançaram a dimensão de entendimento (e resposta) necessária para desfrutar plenamente dessa promessa.

Temos ouvido bastante sobre as bênçãos do ato de dar, e acredito nessa doutrina, pois ela é plenamente bíblica. No entanto, a Palavra de Deus não apenas ordena que ofertemos, mas também orienta quanto à *forma correta* de fazê-lo. Entendo que o texto enfatiza mais a atitude correta ao ofertar do que o valor da dádiva em si — basta lembrar o presente que recebi, cujo maior valor não residia no objeto, mas na intenção e na atitude de quem o ofertou. Como afirma Charles Swindoll: “O ‘como’ e o ‘porquê’ damos é de muito maior importância para Deus do que aquilo que damos. A atitude e a motivação são sempre mais importantes do que a quantidade”.<sup>2</sup>

Da mesma forma, quando afirmamos que Deus responde às orações, estamos dizendo algo verdadeiro e bíblico. No entanto, a Escritura não nos ensina apenas a orar, mas também nos instrui quanto à maneira de fazê-lo. Em Tiago 4.3, lemos: “pedem e não recebem, porque pedem mal, para esbanjarem em seus prazeres”. Se há um “pedir mal” que impede a resposta, concluímos que não basta simplesmente orar — precisamos aprender o modo correto de fazê-lo.

O mesmo princípio se aplica à ceia do Senhor. Paulo refere-se ao cálice como “o cálice da bênção” (1Co 10.16), indicando que há bênçãos disponíveis quando participamos da ceia. Ninguém nega que o ato de comungar com o corpo e o sangue de Cristo traz bênçãos. Contudo, o apóstolo adverte os irmãos de Corinto de que se examinem antes de comer do pão e beber do cálice. O motivo? “Aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente será réu do corpo e do sangue do Senhor” (1Co 11.27). E ainda

<sup>2</sup> Charles Swindoll, *O despertar da graça* (São Paulo: Mundo Cristão, 2009), p. 275.

acrescenta: “Pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si” (1Co 11.29). Ou seja, embora participar da ceia do Senhor seja, em si, algo correto e recomendado, é essencial fazê-lo da maneira adequada. Do contrário, o propósito — que é sermos abençoados — não se cumprirá.

Acredito que o mesmo raciocínio se aplica ao ato de ofertar ao Senhor. Foi por isso que Paulo instruiu os irmãos de Corinto:

Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade, porque *Deus ama quem dá com alegria*.

2Coríntios 9.7

O apóstolo esperava que os crentes contribuíssem — mas da maneira correta: com alegria. Apesar de muitos pregadores e mestres da Palavra, atualmente, não darem a devida ênfase a esse aspecto, as Escrituras são claras.

A Bíblia também apresenta exemplos de pessoas como Caim e Ananias, que ofertaram ao Senhor, mas não tiveram suas ofertas aceitas, pois havia algo errado na atitude do coração deles. Será que esse tipo de comportamento não se repete em nossos dias? Concordo com a afirmação de A. W. Tozer: “Ouço pessoas testemunharem que dão seu dízimo porque Deus faz com que os 90% restantes excedam em muito os 100%. Isso não é espiritualidade; não passa de puro negócio”.<sup>3</sup>

### O que conta é a honra

Vimos que a orientação de Deus, transmitida por meio de Salomão, é a de honrar o Senhor com os bens. O que está em questão, portanto, não é simplesmente a entrega dos bens, mas sim a expressão de honra. O uso dos bens é apenas um meio pelo qual a honra é manifesta.

Dessa forma, concluímos que o Senhor não está interessado nas ofertas em si, mas no ofertante. Ele observa o que leva alguém a ofertar, avaliando se a atitude e a motivação são corretas. Um dos maiores exemplos bíblicos desse princípio encontra-se no episódio em que Deus pede a Abraão o sacrifício de Isaque (Gn 22.1-10). No momento em que o patriarca se preparava para imolar o filho, foi impedido. O Senhor deixou

<sup>3</sup> A. W. Tozer, *Verdadeiras profecias para uma alma em busca de Deus* (São Paulo: Editora dos Clássicos, 2013), p. 390.

claro que seu desejo era ver a expressão de honra; não queria privá-lo de Isaque, mas conceder-lhe a oportunidade de demonstrar honra — e fazê-lo de forma extraordinária.

O mesmo princípio se revela, de maneira oposta, no episódio de Ananias e Safira. Ainda que tenham trazido uma oferta de grande valor, a motivação era errada, e a entrega, marcada pela mentira.

O que aconteceu?

Deus se agradou?

De maneira alguma! O texto de Atos 5.1-11 relata que o Senhor os julgou por sua atitude. Deus não estava interessado no dinheiro deles, mas na honra que deveria ser expressa. Como já vimos, honrar significa distinguir, fazer diferença. Deus deseja ser distinguido de todas as demais coisas em nossa vida, inclusive daquelas que mais prezamos.

Mas por que Deus pede para ser honrado? Sabemos que ele é perfeito, completo em si mesmo. Deus é absoluto e não carece de coisa alguma. Portanto, não há nele qualquer necessidade de aceitação ou aprovação. Por que, então, requer honra? A verdade é que o faz por causa de nós, não dele próprio. A atitude de honra não altera a natureza divina; o impacto ocorre em nós, seres humanos.

O reino de Deus opera por princípios. Um deles foi estabelecido pelo próprio Senhor: “honrarei aqueles que me honram, porém desprezarei os que me desprezam” (1Sm 2.30). A honra que damos a ele é a mesma que recebemos de volta. O mesmo ocorre com o desprezo, seu oposto, que também nos retorna na mesma medida com que o expressamos.

Se Deus não busca nossas ofertas em si, mas a honra que deve ser manifesta através delas, então as ofertas tornam-se inaceitáveis quando desprovidas dessa honra.

— O filho honra o pai, e o servo respeita o seu senhor. Se eu sou pai, *onde está a minha honra?* E, se eu sou senhor, *onde está o respeito para comigo?* Eu, o SENHOR dos Exércitos, pergunto isso a vocês, sacerdotes que desprezam o meu nome. Mas vocês perguntam: “Como desprezamos o teu nome?” Vocês oferecem pão impuro sobre o meu altar e ainda perguntam: “Em que te havemos profanado?” Nisso de pensarem que a mesa do SENHOR pode ser desprezada. Quando vocês oferecem em sacrifício um animal cego, será que isso não está errado? E, quando trazem um animal coxo ou doente, será que isso não está errado? Ora,

experimentem oferecer um animal desses ao seu governador! Será que ele se agrada de vocês ou será favorável a vocês? — diz o SENHOR dos Exércitos.

— E agora, sacerdotes, supliquem o favor de Deus, para que nos conceda a sua graça. Mas, com tais ofertas nas mãos, será que ele será favorável a vocês? — diz o SENHOR dos Exércitos. Quem dera houvesse entre vocês alguém que fechasse as portas do templo, para que não acendessem em vão o fogo do meu altar! Eu não tenho prazer em vocês, diz o SENHOR dos Exércitos, *nem aceitarei as suas ofertas*.

Malaquias 1.6-10

Por meio do profeta, o Senhor declarou preferir que o templo fosse fechado a receber ofertas sem honra. Desde o princípio, o propósito das ofertas era o de expressar honra a Deus. Esse sempre foi o objetivo — jamais o valor material da oferta.

Nas duas esferas do relacionamento com Deus — como filhos e servos — espera-se que haja honra como expressão de amor e reverência ao Senhor. Um grande exemplo dessa prática está registrado nas páginas do Novo Testamento:

Quando Jesus estava em Betânia, fazendo uma refeição na casa de Simão, o leproso, veio uma mulher, trazendo um frasco feito de alabastro com um perfume muito valioso, de nardo puro; e, quebrando o frasco, derramou o perfume sobre a cabeça de Jesus. Alguns dos que estavam ali ficaram indignados e diziam entre si:

— Para que este desperdício de perfume? Este perfume poderia ter sido vendido por mais de trezentos denários, para ser dado aos pobres.

E murmuravam contra ela. Mas Jesus disse:

— Deixem a mulher em paz! Por que vocês a estão incomodando? Ela praticou uma boa ação para comigo. Porque os pobres estarão sempre com vocês, e, quando quiserem, podem fazer-lhes o bem, mas a mim vocês nem sempre terão. Ela fez o que pôde: ungiu o meu corpo antecipadamente para a sepultura. Em verdade lhes digo que, onde for pregado em todo o mundo o evangelho, também será contado o que ela fez, para memória dela.

Marcos 14.3-9

Observe o que essa mulher fez: certamente, ela honrou o Senhor com sua atitude. E, em resposta à honra recebida, Cristo também a honrou, decretando que seu gesto seria contado em todas as gerações. Assim, sua história ecoaria sempre que o evangelho fosse anunciado.

A honra concedida por Deus é proporcional à honra que lhe dedicamos. Diante disso, o gesto daquela mulher não foi pequeno. A tamanha honra expressa por ela levou o Senhor a eternizar seu ato nas Escrituras — enquanto houver uma Bíblia aberta, sua história será conhecida.

Embora muitos usem esse texto como uma ilustração de adoração — o que de fato é —, poucos atentam para seu contexto literal: tratava-se de uma oferta material, de elevado valor financeiro, e não apenas de uma expressão musical. Foi uma adoração silenciosa, porém profundamente agradável ao coração de Deus.

Há ainda outros pontos que podemos aprender com o episódio da mulher de Betânia e os convidados daquele banquete. A primeira lição que o Senhor me ensinou foi sobre nossa tendência de vincular ofertas a propósitos específicos. Como pastor, tenho observado isso com frequência: quando desafiamos os membros da igreja a ofertarem em função de uma causa concreta, como um projeto ou uma construção, muitos respondem com maior entusiasmo. Contudo, acredito que temos nos equivocado. Embora existam exemplos bíblicos de ofertas com objetivos definidos — como no caso da construção do tabernáculo de Moisés —, o erro reside na mentalidade distorcida que acompanha essa prática: a ideia de que sempre deve haver uma justificativa racional, visível, para as ofertas.

Racionalmente, Maria de Betânia praticou um *desperdício*. Em outro relato bíblico, podemos perceber sinais de limitações financeiras naquela casa. Ao que parecia, Marta e Maria executavam as tarefas domésticas sem auxílio de criadas — algo incomum nas famílias de melhor condição financeira da época. Ou seja, Maria realizou uma oferta valiosíssima em um contexto de provável escassez de recursos. Seu ato contrariava a lógica e a razão.

Não sabemos com exatidão o valor daquele perfume, mas o evangelista afirma que poderia ser vendido por mais de trezentos denários — mesmo se revendido em segunda mão. O denário era uma moeda romana que trazia a efígie de César. Russel N. Champlin, no *Novo dicionário bíblico*, observa: “Tradução da palavra grega *denarion*, nome de uma moeda de prata usada pelos romanos [...]. Essa moeda tinha o valor do salário de um dia de um trabalhador do campo”.<sup>4</sup> Considerando que o judeu trabalhava seis dias por semana, num mês de trinta dias ele recebia cerca de 26 denários, subtraindo

<sup>4</sup>R. N. Champlin, *Novo dicionário bíblico* (São Paulo: Hagnos, 2018), p. 419.

os sábados de descanso. Assim, o valor atribuído ao perfume representava cerca de um ano inteiro de salário de um trabalhador comum.

É curioso que ninguém dentre os presentes tenha criticado o valor da oferta em si, mas todos se incomodaram com o fato de que aquele valor não teve, segundo seus critérios, uma “aplicação prática”. Lamentavelmente, ainda hoje, muitos têm perdido a essência do ofertar, reduzindo-o a uma simples questão de utilidade, e não de honra. Quando a oferta é direcionada à reforma do templo, por exemplo, há maior disposição por parte de muitos, visto que o resultado trará benefícios indiretos ao próprio ofertante. Já quando se trata de sustentar missionários, por exemplo, nem todos demonstram o mesmo zelo.

Infelizmente, boa parte das mensagens sobre contribuição acaba transmitindo a ideia equivocada de que dizimar equivale a um investimento, semelhante a um título de capitalização, em vez de orientar os cristãos a agradarem ao Senhor. Não nego que Deus fez promessas de bênçãos, como está claro em Malaquias 3.10-12. Contudo, o que de fato move o coração de Deus não é tão somente o ato de dar, mas a honra expressa na dádiva.

Este é o ponto central: não é o simples ato de dar que atrai a bênção, mas sim a honra implícita na oferta. Creio firmemente no princípio do dar e receber — a ponto de dedicar um capítulo inteiro neste livro para abordá-lo —, mas tudo deve ser compreendido, antes de tudo, sob a ótica da honra ao Senhor.

É bem possível dizimar com pontualidade e, ainda assim, falhar na honra ao desobedecer a outros princípios espirituais e éticos: sonegar impostos, mentir, explorar o próximo em negociações ou oprimir necessitados. O maior equívoco de muitos é presumir que, pelo simples fato de serem dizimistas, Deus os recompensará, mesmo que estejam em rebelião em outras áreas da vida.

Isso é um grave erro. Dízimos e ofertas atraem bênçãos apenas quando são expressões genuínas de honra ao Senhor. Quando os desvinculamos desse princípio — o qual deveria reger toda a nossa vida financeira —, anulamos a própria promessa divina. Quebras de princípios em outras áreas materiais e financeiras podem, com efeito, bloquear a bênção celestial sobre nós.

É importante ressaltar que honrar o Senhor com os bens vai muito além de simplesmente contribuir na igreja. Dízimos e ofertas constituem uma parte (quando entregues da forma correta), mas não o todo. Muitos se perguntam:

“Por que alguns que dão o dízimo não experimentam as bênçãos que as Escrituras associam a esse ato?”. A resposta é simples: a bênção *não se limita* ao dízimo ou ao ato de dar, mas tem relação direta com a forma como damos.

A esse respeito, Tozer declarou:

O dinheiro destinado a uma igreja ou à missão talvez seja para o ofertante um dinheiro desperdiçado, a menos que ele primeiro certifique-se de que seu coração está em sua oferta. Ofertas que não trazem o coração com elas podem fazer bem a quem as recebe, mas é certo que não trarão nenhuma recompensa ao ofertante: “Ainda que eu distribuísse toda a minha fortuna para o sustento dos pobres [...] e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria” (1Co 13.3).<sup>5</sup>

Portanto, é crucial compreender *como* Deus recebe honra através de nossas contribuições. Como o Senhor enxerga nossas ofertas? Sua visão é muito distinta da nossa perspectiva humana. A Palavra de Deus deixa isso muito claro:

Sentado diante da caixa de ofertas, Jesus observava *como* o povo lançava ali o dinheiro. Ora, muitos ricos depositavam grandes quantias. Vindo, porém, uma viúva pobre, lançou duas pequenas moedas correspondentes a um quadrante. E, chamando os seus discípulos, Jesus disse:

— Em verdade lhes digo que esta viúva pobre lançou na caixa de ofertas mais do que todos os ofertantes. Porque todos *eles deram daquilo que lhes sobrava*; ela, porém, da sua pobreza *deu tudo o que possuía*, todo o seu sustento.

Marcos 12.41-44

Nesse relato, vemos Cristo atentamente observando as ofertas depositadas no templo de Jerusalém. Craig S. Keener, em seu *Comentário histórico-cultural da Bíblia*, fornece algumas informações relevantes:

No enorme Templo de Jerusalém havia um cofre muito grande, que ficava, segundo relatos, próximo ao pátio das mulheres. A tradição posterior afirma que os treze receptáculos para essas ofertas ficavam no pátio das mulheres, sendo acessível tanto às mulheres como aos homens de Israel.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> A. W. Tozer, *Verdadeiras profecias para uma alma em busca de Deus* (São Paulo: Editora dos Clássicos, 2013), p. 378.

<sup>6</sup> Craig S. Keener, *Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2017), p. 185.